

QUANDO NASCE UM MITO: DIÁLOGO ENTRE *O SORRISO DA ESTRELA*, DE ALEILTON FONSECA, E *A MENINA DE LÁ*, DE GUIMARÃES ROSA

João Evangelista do Nascimento Neto¹

Duas meninas-mulheres são as protagonistas desta análise. Maria, a pequena Nhinhinha, é criação de Guimarães Rosa, e Estela nasceu pela caneta de Aleilton Fonseca. As duas representam, ao mesmo tempo, a imagem da loucura e da iconoclastia cristã a partir do olhar dos seus entes queridos.

Em ambos os casos, tal aparência, que foge aos padrões, resulta na não aceitação de um *modo vivendi* e, conseqüentemente, na incompreensão, por parte das pessoas, das atitudes por elas tomadas e pelo discurso proferido. Em um segundo momento, esse discurso é reinterpretado e as convicções substituídas. É nesse instante que, de loucas, Nhinhinha e Estela têm sua imagem reelaborada para santas. Esse papel mitificador cabe ao narrador, participe da história nos dois casos.

Em *O sorriso da estrela*, Estela e Pedro são feitos de matérias díspares. Ela é concebida com a luz do universo, da poesia das estrelas. Seu lugar de origem é o céu, o infinito, e para lá se dirige após sua morte. No sonho que tem, Pedro voa no vácuo de Estela, mas, ao compreender a sua origem, perde a leveza de seu corpo e alma, retorna ao chão.

O peso que sente é a culpa pela não aceitação do amor fraterno, mas também é o peso das suas convicções e de seu caráter. Pedro é rocha, pedra, e seu lugar é a terra e na terra. A gravidade de seus pensamentos leva-o sempre ao chão. Até seus sentimentos são duros, associados à dor e à depressão. Estela, ao contrário, flutua no amor e na esperança que disseminou ao irmão.

Céu e terra, dois mundos que se fitam, mas, equidistantes, parecem não se encontrar ou, na tentativa desse encontro, há a materialização da incompletude. É que Estela é fluida, abstrata, como o amor. Pedro, no entanto, necessita da concretude do dia-a-dia:

[...] Estela! Estelinha, me dê a mão! Me leve com você! Mas o seu sorriso já me abandonava. Ela se foi fazendo em cor de nuvem, aos poucos me vi sem olhos para tê-la. E era tarde, muito tarde: tive um sobressalto, e tudo que agora eu via eram as telhas vãs do nosso quarto. (FONSECA, 2001, p. 26).

É certo que um se complementa no outro. Estela sabia disso; buscou, dessa forma, sua faceta mais racional na existência de seu irmão que, negando doar-se, foge dela, luta contra o desconhecido. Pedro abomina o amorfo; para ele, a vida precisa ser pautada na concretude dos dias, no cotidiano palpável e na certeza das coisas.

Pedro configura os atos e palavras de Estela através do discurso da loucura. Faze-a sem crédito diante dos amigos. A própria narrativa relata a ação de Estela em conversar com pedras e as folhagens. Não compreendia, contudo, que ali se visualizaria a metáfora da sua relação fraterna. Como os tocos de pau e pequenas rochas não podiam responder aos questionamentos da irmã, mas Estela insistia em dialogar com eles, também era a sua espera pelo irmão, mais uma rocha muda e inerte como aquelas do jardim.

É o irmão o narrador-personagem que, na velhice, rememora o passado e sua relação com a irmã. Esse relacionamento conflituoso é o horror que o atormenta por toda a vida,

¹ UNEB. E-mail: netoevangelista@uol.com.br.

[...] vivido pelo narrador de duas maneiras. Primeiro, ruidosamente, explodindo por ocasião do funeral [...] E depois de maneira silenciosa, corroendo invisível e secretamente [...] (SANTOS, 2001, p, 118).

Em *A menina de lá*, o narrador, íntimo da protagonista e, por isso mesmo, conhecedor de sua história, inicia a narrativa descrevendo Maria como uma menina demente, cujas palavras não faziam sentido, o que incomodava a toda a família. Nhinhinha também não pertence a esse mundo nem a essa realidade tangível a que as pessoas estão acostumadas. Seu pensamento, discurso e ações desdizem a lógica do cotidiano.

É o irmão mais velho de Nhinhinha quem se apropria da tarefa de contar a história da menina-santa. Ela nutre carinho por ele e isso o autoriza a registrar os poucos anos da irmã. Dialogavam com certa constância, embora o irmão também a considerasse louca. As palavras da garota, seu olhar e gestos apontavam para o delírio.

Mas é com a partida do narrador-personagem que Nhinhinha inicia uma nova fase de sua vida, e eis que surge a menina milagreira. É preciso avaliar, no entanto, que a santificação da menina se dá pela interpretação da família, bem como da análise do narrador, agora somente observador. Todas as ações metafísicas geradas por Nhinhinha resultam em benesses pessoais. A rã, a pamonha de goiabada, a cura da mãe e o arco-íris vieram existir tão-somente para satisfação da própria criadora de tais eventos.

O egocentrismo de Nhinhinha é natural à idade que possui. O *status* de santa lhe foi conferido pela família e pelo narrador, contudo ela age pelo princípio do prazer próprio. É para a sua satisfação que atua sobre o sobrenatural. Todos os benefícios que alcançam a sua casa são oriundos de um contentamento pessoal, ou seja, Nhinhinha é santa, sobretudo, para si mesma, já que “[...] Não se importava com os acontecimentos. Tranquila, mas viçosa em saúde. Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências.” (ROSA, 2001, p. 68).

Seus pais veem, todavia, a oportunidade de melhores condições de vida, mas como fazer com que uma criança de pouco mais de quatro anos compreenda sua função no mundo? Nhinhinha queria e as coisas aconteciam. Prevalencia sempre a sua vontade, como é tão recorrente no mundo infantil. E a santa morre sem realizar os desejos dos pais na obtenção de um futuro promissor.

O discurso de ambas as garotas aproxima-se do lírico, do poético. A carga de sentimento que impigem ao seu texto afasta-as da linguagem do dia-a-dia. A linguagem poética, pois, constitui-se em loucura para o homem cotidiano, preocupado com os afazeres diários e com a sobrevivência cotidiana. O ser prático não enxerga a outra vida, aquela que, insistentemente, zomba da objetividade. Os olhos das duas meninas visualizam essa vida subjetiva, cuja beleza inunda o dia e não passa despercebida.

Ao se negar a uma vida da concretude, Nhinhinha sabe que habitará pouco tempo esse planeta tão destituído de olhares poéticos. A morte virá cercear suas palavras incompreendidas e seu olhar distante.

A morte também ronda o conto aleiltiano. E é inerte fisicamente que Estela consegue o seu intento. A luz viaja a uma impressionante velocidade e penetra nos mais recônditos lugares, extinguindo as trevas. Mesmo a rocha, forte em sua constituição, não detém a incidência da luz. Ela rompe os obstáculos e chega ao âmago da pedra, encontra o coração de Pedro.

É o sentimento abstrato que estilhaça a forte pedra. Pedro é esmiuçado pelo amor e pela dor. Então, a rocha forte é transformada em pequenos cacos e é daí que surge o Dindinho, cujo diminutivo remete a sua pequenez diante do amor. Enquanto é desmontado emocionalmente, Dindinho eleva-se como ser e transforma-se no narrador-personagem que, já maduro, retoma

suas lembranças a fim de recriar os fatos passados e transformar Estela num mito, santificando-a para os leitores.

Na obra aleiltiana, a morte é a geradora da vida. Com o encantamento de Estela, Pedro conseguira vislumbrar a existência, os sentimentos, os relacionamentos. Com o fenecimento de sua irmã, Dindinho observou que há mais sentido no mundo do que aquilo que os olhos cotidianos podem ver. Até o conceito de morte é questionado, por esse viés, já que Estela transformara-se em estrela e passara a habitar o céu do coração do irmão. Encantara-se, pois, nele e nele ficará permeando coração e mente.

Um mito nasce quando um homem ou uma mulher rompem a sua imagem cotidiana e consegue alçar seus feitos e palavras para além da rotina do meio em que vivem. Suas imperfeições são, aos poucos, apagadas e suas virtudes ressaltadas ao ponto de ascenderem diante da comunidade. Esse é o processo pelo qual passam Estela e Nhinhinha.

Segundo Nietzsche:

Temos que descansar temporariamente de nós, olhando-nos de longe e de cima e, de uma distância artística, rindo sobre nós ou chorando sobre nós: temos de descobrir o herói, assim como o parvo, que reside em nossa paixão pelo conhecimento, temos de alegrar-nos vez por outra com nossa tolice, para podermos continuar alegres com nossa sabedoria. (NIETZSCHE, 2000, p. 182).

O percurso vital das duas protagonistas apresenta-se dessa forma, corroborando com as palavras do filósofo, quando a parvoíce, existente em suas ações e discursos, é substituída pela heroicidade. Crendo que não é Deus quem cria o homem, mas sim este que origina a divindade, Nhinhinha e Estela são frutos dos compiladores de suas narrativas, numa evidente reescrita de suas histórias.

O simbolismo, que advém do caráter mítico das meninas, é reforçado no ato da morte. A morte é a instância final capaz de santificá-las. A natureza, a contrição dos familiares e a prematuridade do fenecimento consolidam a nova imagem que está por vir em Estela e confirmam que Nhinhinha, sabedora de seus últimos instantes, rompeu a barreira da humanidade. As duas retornam para seu lugar de origem. Nhinhinha volta em seu caixão rosa para lá de onde viera, para o seu outro mundo. Estela retorna aos céus, transformando-se na estrela que presenteara seu irmão anos antes.

Para ser mito não se pode envelhecer. Essa morte cotidiana é-lhe vedada. Uma vida longa pode destruir suas ações heroicas. Morrer é a forma de preservar suas atitudes e a manutenção de uma morfologia do mito.

Nhinhinha é uma heroína às avessas, já que, na infância, não é altruísta. Importa sua satisfação e, por isso mesmo, os pais, aguardam sua adulez e amadurecimento. É uma criança tornada santa, mas ainda uma criança. Tal maturidade existe na adolescente Estela de treze anos, cuja heroicidade está presente nos seus desejos esboçados verbalmente. Em Estela, a ação é o gostar do irmão e o desejo de ser correspondida. O miraculoso se dá pós-morte, já no interior de Pedro. As ações místicas de Estela são observadas ao longo do tempo, num exercício de análise, de convivência com a perda e na experimentação da ausência. Nhinhinha leva 4 anos para tornar-se santa. Estela é mitificada durante a existência do irmão.

Ensimesmadas, as duas utilizam-se da fala para exprimir o que desejam. Os anseios da pequena Maria remontam a sua pequenez e à relação de uma criança com o mundo a sua volta. É desse modo que ela privilegia uma rã (a brincadeira), uma pamonha (o prazer), a cura da mãe (a proteção) e um arco-íris (o encantamento). Estela, bem mais velha, prioriza os sentimentos e as relações humanas. Por isso, doa-se ao irmão, oferecendo uma estrela, ou seja, oferecendo-

se. Sua morte é necessária para que Pedro possa metamorfosear-se em Dindinho, um ser que ama, que sofre.

Dindinho é a personificação da humanidade de Pedro. Como homem, imperfeito e solitário, a vida aparece-lhe como um espaço de incertezas, quando o novo pode advir repentinamente. A partida da irmã proporciona o seu amadurecimento. Crescer, para Pedro, é tão-somente persistir na vida, deixar-se ser amado e retribuir ao sentimento. Amadurecer é perceber que todas as certezas são vãs, mas que aí se encontra a beleza do estar vivo, no encontro com o impalpável, na experimentação do desconhecido.

Se Nhinhinha é sepultada e sua imagem elevada aos céus, tornando-se santa, Estela parte voando para habitar outro firmamento, o céu do coração e dos sentimentos do irmão. Agora ela é sua imagem, sua devoção. Com Estela, Pedro aprendera a ser gente, reconhecer-se falho, finito, homem. Com Nhinhinha, a família aprendera que não tardará aquilo que há de vir, e que o maior milagre reside no poder da palavra. É necessário dizer para que as coisas se materializem. É falando que o abstrato ganha corpo, toma forma:

Há, na voz de Nhinhinha, uma espécie de canto, encanto – a palavra poética que permite uma ligação entre nome e ser, entre som e sentido. Palavra evocativa, icônica, que faz com que o dito tome presença. Palavra que, por estar fora da linguagem comum do uso diário, se avizinha à linguagem santa, glossolática. (REINALDO; BRAGA, 2007, p. 91).

Não há escrita que suplante o poder da palavra proferida. Essa possui dons e encantamentos. Proferi-la indica domínio de forças místicas capazes de convencerem o outro e de promoverem novas ideologias, outras interpretações. Nhinhinha dizia e os seus desejos tornavam-se verdade. Estela propagava o seu amor, à espera da reciprocidade do irmão. Em Pedro, o discurso fez nascer um novo homem.

Dizendo, os homens abençoam e amaldiçoam; dizendo, eles constroem e destroem. Ao dizer, Nhinhinha e Estela reeditam suas biografias numa prova cabal de que o discurso é uma elaboração contínua, capaz de dar nova vida, dando luz ao mito. O mito nasce quando é necessária mais do que uma explicação cotidiana para satisfazer o ser humano. O mito se impõe quando essa necessidade do metafísico contribui com o imaginário das pessoas, pois ao homem é possível viver privado de muitas coisas, mas não de imaginação, de palavra e de esperança. E esses três elementos são indissociáveis à alma humana.

Referências

- FONSECA, Aleilton. **O desterro dos mortos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Ridel, 2000.
- REINALDO, Gabriela Frota; BRAGA, Mariana Fontenele. A palavra mágica em “A menina de lá” de João Guimarães Rosa. Em: **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 22, n. 2, p. 91-97, jul./dez. 2007.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SANTOS, Rita Aparecida Coêlho. O conto de Aleilton Fonseca: a permanência do narrador. In: FONSECA, Aleilton. **O desterro dos mortos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.